

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO IV — N.º 164 — Domingo, 29 de Julho de 1956

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

BONS IMPRESSOS
E CARIMBOS
NA —
TIPOGRAFIA SOCORRO
FÁBRICA DE CARIMBOS
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO
Telefone 59 Apartado 3
AVENÇA

UM EXEMPLO DE HUMILDE E CARIDADE CRISTÁ

O PADRE AMÉRICO

MORREU o Padre Américo! A notícia chegou do Porto, ao fim da manhã, aquela hora em que já é tarde para os jornais vespertinos, mas em que é cedo, muito cedo ainda, para os matutinos. E, todavia, tanto nas redacções dos vespertinos como nas dos matutinos, a reacção foi a mesma: — antes de mais nada, o Padre Américo! Não houve um só jornal, digno desse nome, para quem a morte do Padre Américo não fosse um triste, um doloroso mas grande acontecimento.

Morreu o Padre Américo! E não foi apenas no Porto, perante o Hospital de Santo António, que a multidão se juntou para prantear, no íntimo de cada um, a perda sofrida por todos; foi também em Lisboa — nesta Lisboa que quase não conheceu pessoalmente o gigantesco nortenho — que os olhos de muitos se fixaram com angústia no fúnebre anúncio dos «placards» do Rossio.

Morreu o Padre Américo! E não foram apenas os «gaiatos» da sua casa de Paço de Sousa que puseram um sinal de luto, que dobraram instintivamente o joelho, feridos pela perda de um pai, cristãmente sofrendo essa perda e miti-

gando-a na redentora certeza do «Credo»; foram todos os pequenos «gaiatos» de Portugal, europeu ou ultramarino — os de Miranda do Corvo, os de Vila Franca de Xira, os da Calçada da Glória, os de Ponta Delgada ou de Luanda, os de todas as casas erguidas pela inspiração do Padre Américo.

Morreu o Padre Américo! E, pela noite fora, os telegramas vindos das grandes capitais da alta política ou da alta finança foram pas-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

CASINO OCEANO

Reabriu, no passado dia 16 do corrente, o Casino Oceano da Praia de Monte Gordo, sob a competente direcção de Fernando d'Albuquerque.

A partir do próximo dia 1 de Agosto, começa a exhibir-se, durante toda a temporada, o melhor conjunto musical do momento — Fernando d'Albuquerque, 1.º prémio da Emissora Nacional.

APONTAMENTOS DE VIAGEM

ITENERÁRIO DE UM PASSEIO À SUIÇA

JAMAIS eu teria pensado em pôr o pé em território helvético, se o inventor das *Jornadas Médicas luso-suiças*, o meu preclaro colega português, dr. Mário Cardia, que acidentalmente me conhecera no Congresso Luso-Espanhol, de Córdova, em Outubro de 1944, não tem tido a ideia de me endereçar o respectivo programa, em 1947.

Simplemente, como a organização das jornadas, na parte turística ficara subordinada aos Wagons-Lits, mediante a compe-

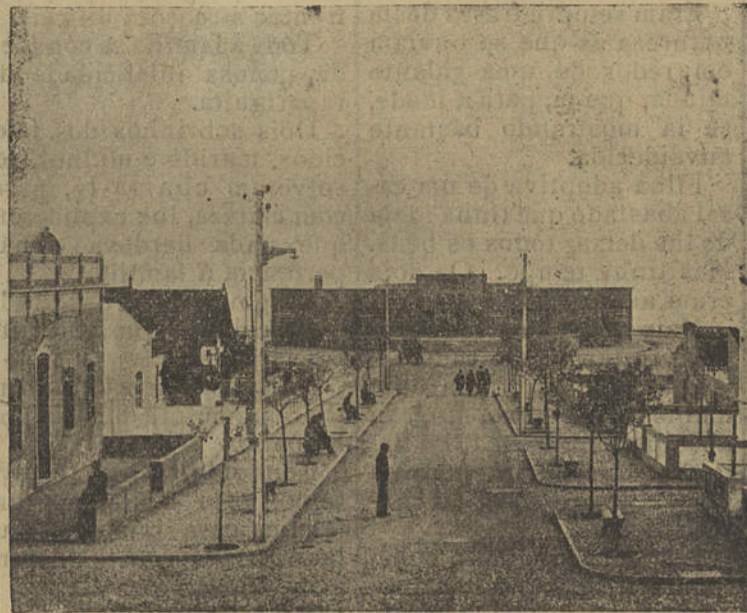
URBANIZAÇÃO

de Vila Real de Santo António e da praia de Monte Gordo

A CÂMARA Municipal da presidência do sr. dr. Alonso Vasques acaba de ser comunicado pela Direcção Geral da Fazenda Pública, que foi deferido o pedido que a Câmara lhe tivera feito da cedência de uma faixa de terreno ao sul da Vila e uma outra em Monte Gordo, ambas pertença das Matas Nacionais. A cedência destes terrenos leva a Câmara a poder encarar de futuro a ampliação da Zona Industrial, do lado sul da Vila, e a implantação da 2.ª fase da Estrada da Ponta de Santo António, isto é, o prolongamento da actual estrada até entroncar com a que vai para Monte Gordo partindo do extremo sul da Avenida da República, melhoramentos de grande importância e que vêm resolver muitos e importantes problemas, tudo em conformidade com o ante-projecto de Urbanização da nossa Vila.

Pelo que diz respeito aos terrenos de Monte Gordo, esta cedência vai permitir pôr em execução parte do ante-projecto de Urbanização da Praia, começando por cons-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)



MONTE GORDO—Vendo-se ao fundo o Casino Oceano

UM «CASO» CRÓNICO

MONTE GORDO a praia sem hotéis...

MONTE Gordo começa a registar a habitual afluência de banhistas, que a preferem pelas suas excepcionais condições, e que, no próximo mês de Agosto, como de costume, devem atingir o máximo da frequência. Também, como de costume,

muitos serão os que se retiram, desiludidos com a lamentável falta de um hotel ou pensão onde possam alojar-se decentemente. E mais um ano de descrédito para a nossa excelente Praia irá juntar-se aos anteriores, apontando-a como a praia mais indesejável do Algarve, em matéria de alojamentos.

Em face desta deplorável manifestação de desleixo e incuria, dir-se-á que o Turismo, de que tanto se fala, mas a favor do qual teimamos em nada fazer... nem deixar fazer, é uma coisa muito bonita — mas apenas como tema de desenfadada conversa de «café», ou de amena leitura de Revista, onde nos embasbacamos com aquilo que os outros fazem, sem tentarmos, sequer, dar um passo para seguir-lhes o exemplo.

Realmente, por inacredi-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

GARTA DE LONGE

O SEMANÁRIO REGIONALISTA «Noticias do Algarve»

por J. DE CARVALHO E RÊGO

SE há jornal que nos satisfaça absolutamente, pela independência e critério com que trata todos os assuntos de interesse público, mormente os que se ligam ao progresso da linda e pitoresca região algarvia, e ainda pela sua escolhida e variada colaboração, é, sem dúvida, o «Noticias do Algarve». E que a orientação deste jornal regionalista define bem o carácter pessoal do seu editor e proprietário, sr. Armando Rocha Cruz, e do seu director, sr. João Adelino Dias Pena. Nos tempos que vão correndo, a orientação de um jornal que se mantenha num pedestal de dignidade, sem aqueles elogios exagerados e fora de propósito, que hoje estão em voga, e aquela subservidade que se verifica, especialmente, nos jornais que pretendem vida fácil, é árdua tarefa que merece a admiração de todos aqueles para quem o bem colectivo está acima de todas as vaidades humanas e de todos os interesses individuais.

Discutindo e apreciando todos os assuntos, os mais transcendentes, são de notável apuro, delicadeza e correcção os colaboradores do «Noticias do Algarve», verificando-se que o mesmo ideal os acompanha: o progresso da sua região — o engrandecimento de Portugal. E' dos maiores exemplos de Nacionalismo que aqui, de longe, temos apreciado.

Semanalmente, publica o «Noticias do Algarve» uma interessante crónica da autoria do sr. José dos Santos Marques. E porque essas crónicas representam aturados estudos sociais, repletos de profunda observação, em que se manifesta a independência e a isenção do seu autor, não podemos deixar de louvar as suas esclarecidas opiniões, pedindo para elas a atenção dos poderes públicos, que no sr. José dos Santos Marques têm um inteligente e prestimoso colaborador.

Dos assuntos culturais aos mais comecinhos de interesse público, tudo analisa e critica com dados certos, procurando, por todas as formas, concorrer para a elevação do nível de vida das classes menos remuneradas, das quais o sr. Santos Marques, como defensor acérrimo, se tornou crêdor de respeito e de reconhecimento.

As crónicas do sr. Santos Mar-

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

ABASTECIMENTO DE AGUA ao concelho de Vila do Bispo

O sr. ministro das Finanças autorizou a Câmara Municipal de Vila do Bispo a contrair na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, um empréstimo no montante de 450.000\$00, destinado ao prosseguimento da importante obra de abastecimento de águas àquela vila e a várias povoações do respectivo concelho, nomeadamente, Sagres.

Pelo DR. FRANCISCO FERNANDES LOPES

tente esportista global, algo transcendente para a minha modestíssima bolsa, veio a suceder que, tendo já o passaporte em ordem, me eis a caminho, a *latere*, como congressista, com cartão e emblema, mas sem ser jornalista carimbado e pandúrgicamente conduzido pelos ditos Wagons-Lits. E' que, segundo o velho prolóquio da sabedoria popular, *muita gente junta não se salva, e... quantos mais vultos, menos claridade*. Não ia, no entanto, só: minha mulher, fiel companheira e excelente companheira que se acomoda sem dificuldade a tudo, acompanhava-me. Assim, alguns dias antes da caravana, seguindo daqui a Lisboa e de Lisboa à Guarda, onde fomos dormir, logo nessa noite começaram as peripécias trágico-cómicas. O velho amigo

Aquilino Ribeiro, topado por acaso à porta da Bertrand, bem me advertira de que na Guarda a cidade fica longe da estação. Pois ao chegar, como éramos nós os únicos viajantes e tardássemos um pouco a descer com as maleitas inevitáveis, a camioneta abalada, vazia, e assim tivemos que recorrer a um derrancado automóvel quase pré-histórico, desses que, felizmente, vêm à caça de al-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

O PROBLEMA DO TURISMO ALGARVIO E AS SUAS LAMENTÁVEIS DEFICIÊNCIAS

DANIEL Constant, o jornalista português apaixonado pelo Algarve e já nosso conhecido pela defesa que tem feito do turismo na nossa provincia, voltou a ocupar-se do Algarve em «O Primeiro de Janeiro», desta vez focando especialmente o caso de Sagres!

Vamos transcrever algumas pas-

sagens do seu belo artigo:

Alguns dos nossos leitores que já este ano foram ao Algarve transmitiram-nos as suas impressões, as quais, na generalidade, coincidem com os nossos pontos de vista. A bela provincia meridional é uma verdadeira revelação para quem a visita pela primeira vez. Principalmente para os nortenhos, a paisagem algarvia, e mais ainda a do Chenchir (litoral), tem especial encanto e atractivo.

Isto e muito mais viram e sentiram os visitantes do Algarve que ultimamente comunicaram conosco e, com entusiasmo, louvaram as belezas dessas terras do Sul, onde a amendoeira floresce em Janeiro, mês da Primavera temporária, para celebrar apoteoticamente a sua festa de noivado com o sol.

Contudo, nem só de rosas se

compõe o ramalhete de impressões; há espinhos que ferem os visitantes, estorvam o desenvolvimento turístico da linda provincia e isolam-na do restante do território, como se fosse um país à parte. O problema do turismo algarvio continua por resolver e, segundo nos parece, não cedo terá solução, porque está mal equacionado. Já muito se tem dito aqui sobre o assunto, e não vale a pena insistir na forma de melhor o resolver, pois até hoje ninguém nos escutou.

Insistir, sim, naquilo que ao Algarve faz falta. Primeiro que tudo, necessita de cama e mesa. Não são dois estabelecimentos hoteleiros em Lagos, três na Praia

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)

OS CICLISTAS DA VOLTA A PORTUGAL DESCANÇAM UM DIA NA NOSSA TERRA

Como se sabe, vai efectuar-se a 19.ª Volta a Portugal em bicicleta, a qual terá começo no Porto, no dia 17 do próximo mês. Os ciclistas efectuarão dois descansos, um deles, no dia 22, em Vila Real de Santo António e o outro em Viana do Castelo, no dia 29.

Dada a tradicional urbanidade do nosso povo para quem o visita, é de esperar que os velocipedistas e a sua caravana levem da Vila Pombalina as melhores impressões.

apresenta
UMA CRÓNICA
por semana

AS BIBLIOTECAS O PÚBLICO E A CULTURA

OS FICHEIROS, OS HORÁRIOS E AS LEITURAS

PORQUE nunca será de mais insistir nesta questão, voltamos uma vez mais ao admirável e precioso livro de Victor de Sá e chamamos hoje a atenção dos nossos leitores para os capítulos dedicados pelo autor às suas visitas à Biblioteca Pública de Braga.

Ressaltam deles dois problemas vitais para quaisquer bibliotecas: os seus ficheiros e o seu horário.

Os ficheiros têm de ser vivos, bem organizados, eficientes, esclarecedores, para bem cumprirem o seu fim e dar vida à biblioteca, chamar a ela quem verdadeiramente pretenda culti-

var-se, e fomentar até esse desejo.

Na Biblioteca Pública de Braga e, provavelmente em muitas outras espalhadas pelo País, apenas existe um ficheiro por autores!

Daqui se tira a conclusão que só quem souber o nome dos autores que escreveram determinado ou determinados livros, ou sobre determinado ou determinados assuntos, poderá requisitar o livro de que tem necessidade!

Certamente que os directores de bibliotecas são pessoas consideradas competentes para o lugar, portanto não se compreende

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

Movimento de automóveis na nossa fronteira

No ano findo, saíram pela fronteira de Vila Real de Santo António 412 automóveis nacionais e entraram 527 veículos estrangeiros e das provincias ultramarinas.

DESCOBRIMENTOS MARITIMOS

VIAGENS DE LUÍS DE CADAMOSTO

AO SERVIÇO DO INFANTE D. HENRIQUE

Em 8 de Agosto de 1454, quis o jovem fidalgo Luís de Cadamosto, natural de Veneza, com 22 anos de idade, tomar lugar a bordo de uma caravela que a república veneziana ia mandar à Flandres, sob o comando de Marco Leno.

Na volta, a esquadra, ao passar nas alturas do Cabo de S. Vicente, recebeu as visitas do cônsul ou feitor veneziano, em Lagos, Patricio de Conti, e do secretário do Infante D. Henrique, António Gonçalves, ou talvez o famoso navegador Antão Gonçalves, trazendo amostras de açúcar da Madei-

ra, sangue de drago, do Porto Santo, e outras mercadorias dos países recentemente descobertos. Entre ambos travou-se uma animada conversação acerca das

PELO MAJOR SOUSA NUNES

descobertas dos portugueses, que teve o condão de inflamar o espírito do jovem italiano e de mostrar um grande desejo de ver algumas dessas terras.

António Gonçalves disse-lhe que seria uma empresa fácil, se

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Acompanhado de sua esposa e seu filhinho Tói, encontra-se nesta vila o nosso estimado amigo e prezado assinante sr. Manuel Messias, residente em Almodovar.

Regressou das Caldas de Monchique, acompanhado de sua esposa o nosso prezado amigo e assinante sr. José Pereira de Oliveira, Piloto-Mór, do Rio e Barra do Guadiana.

Encontra-se em Lisboa o sr. Francisco Caldeira Alexandre, Delegado Escolar nesta vila.

Acompanhado de sua esposa encontra-se nesta vila o nosso prezado assinante sr. Alfredo Mesquita.

Vinda de Lisboa, encontra-se nesta vila a menina Maria José da Costa Aleixo, filha do nosso estimado amigo e assinante sr. Francisco Medeiros Aleixo.

A passar as férias encontra-se em Cantanhede, em casa de sua familia o nosso prezado assinante sr. António da Conceição Mendes, tesoureiro da Caixa Geral de D. C. e Previdência.

Vindo de Lisboa encontra-se em Tavira o nosso estimado assinante sr. António Pedro de Brito Aboim Villa Lobos.

Acompanhada de sua filha, sr.ª D. Maria da Encarnação Martins, encontra-se nesta vila em casa de sua familia a sr.ª D. Maria Delgado Couroça Martins, esposa do nosso prezado assinante em Lisboa sr. António Sebastião Martins.

Chegaram a esta vila, vindos da Tunisia, onde passaram uma temporada, o sr. João Félix e sua esposa e a sr.ª D. Francisca Parreira. Na sua passagem por Marselha (França) estiveram de visita em casa da sr.ª D. Luiza Parreira Publicani, nossa conterrânea, esposa do nosso prezado assinante sr. Paul Publicani.

A passar as férias de Verão com sua familia, encontra-se nesta vila a sr.ª D. Maria das Dores Medeiros Nobre, médica na capital.

Regressou de Lisboa, onde esteve de visita a seu filho a sr.ª D. Mercedes Campero Munhos, esposa do nosso prezado assinante sr. Manuel António Munhos.

VALOR piscatório

DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

NOSSO prezado colega «Gazeta Setubalense», dirigido pelo nosso querido amigo, dr. Fernando Falcão Machado, professor distinto e ilustre jornalista, apreciando a notável actividade piscatória do nosso porto, termina a sua noticia nos seguintes termos:

«Todos estes valores perfazem a importante cifra de 86.098.521\$26, o que é um indice excelente para se avaliar o contributo deste porto de pesca para a economia nacional, justificando-se, assim, plenamente, a valorização que os pombalinos pretendem dos meios de aumentar a riqueza nacional e o bem-estar das nossas populações, com os melhoramentos que estão em vias de execução e outros já solicitados.»

Confessamos-nos gratos ao prezado colega por reconhecer o nosso contributo para a economia nacional e aplaudir a justiça das nossas legítimas pretensões, justiça que esperamos nos seja feita, mais tarde ou mais cedo, pelo Governo da Nação.

O «Noticias do Algarve» torna o Algarve maior, fazendo-o chegar a toda a parte. Faça com que o Algarve chegue cada vez mais longe, conseguindo um novo assinante.

UM CONTO QUASE VERDADEIRO...

LILITA

COMO é formosa a Lilita! Que gentil que é a Lilita!

E' lindissimo o vestido da Lilita! Eram sempre frases desta natureza as que se ouviam em redor de uma galante miúda, que já, para a idade, se ia mostrando bastante envaidecida.

Filha adoptiva de um casal abastado que tinha ideia de lhe deixar todos os bens. Mas tinha tempo. Os dois eram ainda tão novos...

Mais tarde, na altura própria, tratariam de tudo. E a menina, criada num ambiente de luxo, julgava absolutamente ser filha daqueles que se intitulavam pais. Como pensar ao contrário?

Foi educada, mas como rapariga rica que não precisa trabalhar nem ganhar...

Lilita, que nesta altura já andava pelos quinze anos, era, de facto, uma encantadora rapariguinha.

Um dia, porém, inesperadamente, num trágico desastre de automóvel, morreram, com poucas horas de diferença, os pais adoptivos da engraçada Lilita.

Foi na altura em que a familia tomou conta dos bens do falecido casal, que a pobre Lilita ficou sabendo que nada tinha e nada era...

Tinha alguma coisa, sim: NO CONCELHO DE MÉRTOLO mantém-se uma importante obra social em beneficio das crianças

RETIROU, na passada sexta-feira, o primeiro turno de crianças da Colónia Balnear Infantil de Mértola, cuja chegada a Monte Gordo noticiámos anteriormente.

Seguir-se-ão mais 4 turnos de pequeninos alentejanos, num total de 255, os quais, carinhosamente cuidados pelas encarregadas, sr.ª D. Assunção Fernandes, D. Maria Antónia e D. Maria Graciete Guerreiro, vêm haurir energias e saúde à beira-mar, na privilegiada estância vizinha da nossa terra. A casa onde a colónia está instalada, se bem que de aluguer e adaptada para o efeito, satisfaz regularmente, e a alimentação e tratamento dispensados às crianças são também magníficos. Por esse motivo, impõe-se elogiar tão interessante empreendimento, de largo alcance social, levado à execução pela Câmara Municipal de Mértola, Juntas de Freguesia daquele concelho e Empresa da Mina de S. Domingos, as quais, em estreita colaboração, mantêm financeiramente o encargo de proporcionar, anualmente, 20 dias de estadia na praia às crianças pobres do concelho.

Bom seria se este exemplo fructificasse e viesse a ser devidamente imitado por outras entidades congéneres algarvias, que talvez pudessem conjugar esforços e meios para beneficiarem um pouco a vitalidade da nossa infância mais necessitada.

NA CASA DO ALGARVE foram empossados novos membros da Comissão Cultural

No passado dia 24, terça-feira, à noite, reuniu-se a Direcção da Casa do Algarve com a sua Comissão Cultural, a fim de dar posse aos novos membros da mesma Comissão, srs. eng. Silva Carvalho, José Barão, Manuel Cabanas e Pedro de Freitas. Igualmente, foi estudado o plano de actividades da próxima temporada cultural e a realização do III Congresso Regional Algarvio.

MADRINHAS para militares na Índia

Dois militares, em serviço no Estado da Índia, carecidos de conforto moral e espiritual, solicitam, por intermédio do «Noticias do Algarve», madrinhas de guerra.

São eles: Hermínio Gomes da Silva, 1.º cabo n.º 69/55 e Nazario da Cruz Blanco, soldado n.º 170/A/55, ambos da Bateria de Artilharia D. João de Castro—Velha Goa—Índia Portuguesa.

muitos vestidos e muita vaidade... Mas não era ela a principal culpada. Fora erradamente preparada para enfrentar situações difíceis.

Toda a familia se condou da penosa infelicidade da rapariguinha.

Dois sobrinhos dos falecidos, marido e mulher, resolveram chamá-la, para, com clareza, lhe explicarem que nada herdava e não pertencia à familia.

Rasgou-se o véu doirado que a cobria e que caíu feito em farrapos.

Lilita, sufocada pelo pranto, também era um farrapo humano.

Condoído, o casal resolveu tê-la junto de si, por um tempo, essa rapariga-mulher, para ver se lhe arranjavam uma vida.

Bons corações, afinal. Que seria dessa menina exposta, sózinha, aos baldões da sorte?

Optaram que ela tirasse o curso de enfermagem, por ser relativamente curto e começar a ganhar.

Lilita concordou. Auxiliada pelos seus amigos, atirou-se ao trabalho e revelou-se uma alma compreensiva e ansiosa por não se tornar pesada.

Começaram a estimá-la e a preparar-lhe a vida de forma oposta à que ela estava afeita.

Lilita esforça-se por merecer a generosa dádiva daqueles que, dizendo logo que nada lhe eram, estão dando uma base sólida para o seu futuro.

Completa o curso e coloca-se com facilidade, graças à influência dos seus amigos.

Um dia, um médico enamora-se dela. Nem admira. É bastante graciosa.

Lilita, que já vivia independente, procura os seus protectores e conta-lhes o que se passa.

Conversam com o médico e dizem-lhe que Lilita é pobre e nada espera senão do seu trabalho.

E' boa e honesta, e desejam saber as intenções do médico.

Este ouve com atenção toda a vida de Lilita e não se perturba.

Somente pretende dela, porque a ama sinceramente. Casaram e foram felizes. Era de esperar.

Se Lilita possuía, embora desconhecido por muito tempo, um terno coração de ouro!

Quais foram, afinal, os grandes amigos de Lilita? Os seus pais adoptivos? Não. Esses, na sua inconsciência, prejudicaram-na com uma falsa educação.

Os seus verdadeiros amigos foram aqueles que a prepararam para ganhar a vida com dignidade.

E assim conseguiu, igualmente, um sentimento elevado de um homem, que ambicionava chamar sua, para sempre, a querida Lilita!

Natércia Algarve

Alfaiataria MADEIRA VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO PRECISA um oficial para esta arte

PROVINCIA

TAVIRA

Luz eléctrica
Tem causado surpresa a medida da Câmara Municipal de mandar acender a luz pública às 22 horas e apagar às 2 da manhã. Nas melhores horas e quando mais falta a luz faz nas ruas, encontra-se tudo totalmente na escuridão. Os dias cada vez são menores e acender a luz às 22 horas é tarde de mais. Pedimos providências.

Pesca do atum
Causou igualmente surpresa o facto de no dia 24 do corrente as armações de atum locais terem todas apanhado grande abundância deste peixe, como este ano não fora ainda notado. Num dia só, apanhar-se nas águas de Tavira para mais de 1.500 atuns, é caso raro. Pois, mesmo assim, não apareceu à venda no Mercado Municipal. Como tem havido «levantes», do outro peixe nada apareceu, igualmente São casos que se tornam notados e que se deveriam evitar.

Um Padre!
Causou em todo o País grande desgosto a morte do benemérito Padre Américo. Como sempre admirámos o falecido através do seu dinamismo, em que só vivia para fazer bem aos pobres, com a devida vénia transcrevemos do jornal «Os Ridículos», pela pena de A. N., o excelente artigo que se segue, e que deverá ser lido e meditado:

«Acabamos de ler o testamento do Padre Américo, e não sabemos de ministro da Igreja que melhor tenha sabido, em suas palavras, assemelhar-se à palavra de Deus. Numa linguagem que toda a gente entende, o bondoso sacerdote dá-nos, nesse magnífico documento, toda a extensão da sua grande alma, à qual não interessavam os bens terrenos, nem a sua própria vida, que inteiramente dedicou aos pobres, aos deserdados da sorte. O dinheiro não lhe interessava, mas apenas o bem que, com ele, poderia fazer. Talvez por isso, em suas predicas, o Padre Américo não pedia: quase exigia, explicando, aos que podiam dar, a sua obrigação de o fazerem. A sua obra está à vista: milhares de rapazes da rua salvos, e mais de um milhar de casas entregues aos pobres. Sôzinho, frente ao egoísmo dos homens, o Padre Américo fez tudo isso. O que teria feito se fosse provedor de uma grande Misericórdia ou se lhe tivessem sido entregues obras caridosas de maior vulto, é difícil prever. Nele, a Caridade não estava só nas palavras. Quando estas lhe saíam da boca, já as acções as acompanhavam, sem um desânimo, para que os sem lar tivessem um lar, e a negrura de certas vidas fosse menos triste. Morreu o Padre Américo. Estão de luto os que sofrem, porque, dos outros, muitos não têm tempo para reparar nestas coisas.» — C.

COMBOIOS PARA O ALGARVE

Para acorrer ao movimento de passageiros que se verifica durante a época termal e balnear, a C. P. estabeleceu durante o período de 23 de Julho a 7 de Outubro do corrente ano a circulação diária, entre Lisboa (Terreiro do Paço) e Vila Real de Santo António-Guadiana, dos comboios directos do Algarve e suas ligações de e para Aljustrel e Lagos.

O horário é o seguinte:

8-50 P	Lisboa (T. Paço)	▲ C 21-25
9-35 P	Barreiro	▲ 20-39
13-37 C	Aljustrel	▲ 16-25
16-19 P	Portimão	▲ 13-49
16-45 P	Lagos	▲ 13-24
16-03 P	Faro	▲ 14-10
17-18 P	V. R. S. A.-Guad.	▲ 12-55

(a) De 24 de Julho a 8 de Outubro.

CINE-POZ

Hoje, 29, apresenta o sensacional filme italiano, PIEDADE PARA OS QUE CAEM, com Amedeo Nazzari, Nadia Gray, Antonella Lualdi e Massimo Serato.

Um lar que conhecia o culto do amor e da honra, é assolado por violenta tempestade de paixões e ódios.

Uma mulher para salvar a honra e a vida do marido perde o amor da filha.

(Espectáculo para indivíduos com mais de 18 anos).

Quinta-feira, 2 de Agosto, o maravilhoso filme A BELA OTERO, com Maria Félix e Jacques Berthier.

A mulher que foi adorada pelas personalidades de maior evidência no mundo.

Canções, danças e frisos de suprema elegância.

(Espectáculo para indivíduos com mais de 18 anos).

ODELEITE

Bárbara agressão
Nos arredores do monte da Tenência, desta freguesia, foi agredido quando se encontrava a dormir, pernitoando no campo, o sr. Manuel João Marques Panateiro, natural da Foz de Odeleite e residente na Tenência.

Dado o seu estado melindroso, seguiu para Lisboa.

A G. N. R. tomou conta da ocorrência, tendo já efectuado a prisão do criminoso, Silvino Dias Martins, da Corte Nova, que confessou o crime.

Desastre de viação
No dia 18 do corrente, deu-se no sítio da Meia Légua, limite desta freguesia com a do Azinhal, um desastre, de que resultaram sérias consequências, ficando uma furgoneta parcialmente destruída, e os seus dois ocupantes bastante feridos, pelo que tiveram de ser conduzidos ao hospital pelo sr. Bento Rodrigues, empreiteiro em Castro Marim.

Pelas informações colhidas, os feridos são do concelho de Alcoutim e um deles do Monte Afonso Vicente, do mesmo concelho.

Esclarecimento
A seguir às notícias de Odeleite, no domingo passado, vinha a noticia de se encontrar vaga a escola do sexo masculino da «nossa terra». Como alguns leitores se confundiram, informa-se que a noticia se referia a Vila Real de Santo António, pelo facto de recentemente ter sido aposentado um professor.

Necrologia
Vitimado por doença cardíaca, de que há tempo vinha sofrendo, faleceu no dia 20 do corrente o nosso particular amigo sr. Francisco Rita Peres, natural de Vale do Pereiro, onde residia.

O extinto, que contava 48 anos, deixa viúva a sr.ª D. Rosária Antónia Lima, e 4 crianças na orfanidade, a mais velha de 12 anos.

Amigo dos seus amigos e com um grande apego ao trabalho, vivia modesta mas desafogadamente. Estimado por todos que com ele privavam, deixa gratas recordações.

A familia enlutada apresentamos a expressão sincera do nosso pesar.

Aniversário
Completo, no dia 22 do corrente, 8 anos a engraçada criança Albina Maria Costa Sebastião.

Recrutamento militar
Efectuou-se no dia 17 do corrente, em Castro Marim, a inspecção dos mancebos que completam vinte anos neste ano.

E' hábito muito antigo, nesta região, os rapazes festejarem «o dia das sortes», como a celebrar uma transição, que de facto se opera na sua existência.

A exemplo dos anos anteriores festejaram com um esplêndido jantar, seguido de animado baile, que durou até noite alta, abrihantado pelo exímio acordeonista José Felício Apolo.

Mercado mensal em Odeleite
Foi com agrado que a população desta aldeia soube, por intermédio deste jornal, que o mercado de gados, que anteriormente se realizava mensalmente, foi reorganizado.

Porém, informam-nos que alguns comerciantes tinham pedido uma reunião para acertarem o local do mesmo. Onde se efectuava não é dos lugares mais indicados, se pela leitura da noticia depreende-se que o lugar é o mesmo, a data é que mudou. Estão satisfeitos, é certo, mas... algo surpresos.

Casamento
Realizou-se no domingo, p. p., na nossa igreja, o enlace matrimonial da sr.ª D. Maria Tragénio Gonçalves com o sr. Laurentino Rodrigues Estêvão.

Apadrinharam o acto as sr.ª D. Claudina Dias Cavaco, D. Isidora Rodrigues Estêvão, irmã do noivo e o sr. Mário Xavier de Brito, abastado proprietário.

A seguir, foi baptisada uma filha dos nubentes, à qual foi posta o nome de Maria dos Anjos Gonçalves Rodrigues Estêvão. Foi padrinho o sr. António Adalberto Luz Xavier de Brito, aluno do Liceu de Faro.

Foi celebrante o nosso pároco, rev. Padre Silvério Ferreira da Silva. Que sejam felizes, são os nossos votos.

Telefone
Vai ser um facto concreto este grande melhoramento, de que bastante necessitávamos. Já se encontram à cobrança as assinaturas respectivas. Mercê do nosso grande amigo, rev. Padre Silvério, que nos tem dedicado o melhor da sua grande boa vontade, conseguiu-se.

Os odeliteenses saber-lhe-ão agradecer dignamente. — C.

Assinai e propagai «Noticias do Algarve»

AGENDA

MOVIMENTO DA BOTA de Vila Real de Santo António De 21 a 27 de Julho:

TRAINEIRAS

Brisa	174.920\$00
Tozé	169.020\$00
Maria Rosa	127.690\$00
Triunfante	125.898\$50
Aldita	125.130\$00
Sul	119.730\$00
Levante	110.970\$00
Audaz	105.520\$00
Pérola do Guadiana	104.950\$00
Rajada	101.410\$00
Ramira	100.470\$00
Flor do Guadiana	87.240\$00
Infante	77.490\$00
Raulito	74.797\$00
Liberta	73.520\$00
Norte	73.100\$00
Janita	69.590\$00
Pingüim	63.520\$00
Tóluis	62.900\$00
Deolinda Rita	60.250\$00
Novo S. José	49.100\$00
Sr.ª da Piedade	46.630\$00
São Torquato	40.580\$00
Flor do Sul	39.530\$00
Lenita	38.480\$00
Agadão	38.290\$00
Sol Nascente	38.120\$00
Tufão	36.890\$00
Jomanel	23.595\$00
Mogador	21.180\$00
Sete Estrelas	19.810\$00
Leste	13.520\$00
Luís Fernando	2.770\$00
Persistente	2.720\$00
Noroeste	2.285\$00
Total	2.421.615\$50

CERCOS

Novo Machado	69.975\$00
Amazona	6.450\$00
Portugal I	3.770\$00
Total	80.395\$00

Atum da costa Algarvia

2.085 Atuns	2.001.308\$30
439 Aturros	258.425\$00
62 Albacoras	23.425\$00
3 Cachorretas	661\$70
Total	2.283.820\$50

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 21 a 27 de Julho:

Entrados: COSTEIRO, Português, de 629 ton., de Lisboa, vazio. ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio. ARBEDO, Suíço, de 996 ton., de Saí, com carga em trânsito. PRIMERO, Marroquino, de 403 ton., da Port Lyautey, com pessoal das armações.

Saídos: COSTEIRO, Português, para Lisboa, com minério. ZÉ MANEL, Português, para Lisboa, com minério. ARBEDO, Suíço, para Génova e Livorno, com conservas. RIO MIRA, para Ceuta, com latas vazias para conservas. PRIMERO, Marroquino, para Port Lyautey, vazio.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 28 de Julho a 3 de Agosto, a Farmácia CARRILHO, Praça Marquês de Pombal - Telefone 49.

Agradecimento

Manuel Francisco Ribeiro Alves e demais familia agradecem, por este meio, a todas as pessoas que lhes manifestaram o seu pesar pelo falecimento de sua saudosa irmã, Teresa Alice Ribeiro Tenório.

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio

TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositário nesta Vila: MANUEL DA SILVA DOMINGUES Avenida da República - Telefone 12

O «Noticias do Algarve» vende-se em Oihão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

VIAGENS DE LUÍS DE CADAMOSTO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

obtivesse autorização de D. Henrique. As condições eram estas: se viajasse em caravela sua, tinha de pagar ao infante um quinto da carga; se fizesse viagem em caravela do infante, pagaria três quartos.

Imediatamente, Cadamosto saiu de bordo da esquadra veneziana, tomou barco para o Cabo de S. Vicente, desembarcou e foi falar com D. Henrique que se encontrava na Raposeira, sendo muito bem recebido.

Tendo-lhe comunicado o seu projecto, D. Henrique mandou-lhe armar uma caravela de quarenta e cinco toneladas e tendo-lhe dado por companheiro e guia Vicente Dias, de Lagos, mandou-os a África prosseguir nos descobrimentos, que tinham afrouxado muito, e negociar.

No dia 22 de Março de 1455, saíram os dois na sua caravela, e em 25 estavam na ilha do Porto Santo. Em 28, passaram à Madeira, e da Madeira partiram para as Canárias, dirigindo-se destas ilhas ao Cabo Branco.

Sendo o principal objectivo de Luís Cadamosto ver terras novas e negociar, nem no Porto Santo, na Madeira e nas Canárias, nada escapou à sua vista perspicaz dos costumes dos habitantes e desses países desconhecidos, que passou ao papel.

De Cabo Branco navegaram para as ilhas de Arguim, admirou demoradamente a fortaleza que D. Henrique aí fez construir, dando-nos ao mesmo tempo notícias curiosas do comércio português da localidade.

Enquanto os portugueses se comprazem em nos falarem no tráfico de negros, este estrangeiro conta-nos, com o maior louvor: O senhor infante fez nesta ilha de Arguim um contrato por dez anos deste modo: que ninguém pudesse entrar no golfo para traficar com os árabes, salvo aqueles que participassem no contrato, o qual tem uma feitoria na dita ilha, e feitorias que compram e vendem áqueles árabes que vêm à marinha, dando-lhe diversas mercadorias, como são panos tecidos, prata e alquizeis, que são uma espécie de túnica, tapetes e sobretudo trigo, do qual estão sempre famintos; e recebem em troca negros que os ditos Alarves trazem da Negrarria, e ouro de Tibar.

Das ilhas de Arguim passou Cadamosto ao Senegal e tomou conhecimento das terras situadas no interior, tais como Hondem e Tagazza. Quando voltou do interior, encontrou dois navios portugueses e num deles um compatriota seu, ou quase, o genovês António de Nola, por apelido Usodimare.

Juntaram-se a três caravelas e prosseguiram reunidas na viagem para além do Cabo Verde. Continuando, chegaram a um rio, a que puseram o nome de Barbacim e que se chamou Salum.

O seu maior desejo era chegar ao rio Gâmbia, e encontrando um outro, supuseram ser ele e quiseram subi-lo, mas foram muito mal recebidos. Fez nova tentativa, mas os marinheiros opuseram-se, ansiosos por voltarem a suas terras. Reuniram o conselho de comandantes de caravela e resolveram tornar a Lagos.

No ano seguinte, 1457, Cadamosto, de acordo com o genovês António de Nola, mandou armar duas caravelas para seguirem nova viagem. O infante D. Henrique juntou a essa expedição uma caravela nossa, e os três navios, saindo de Lagos no fim de Abril, princípios de Maio, chegaram poucos dias depois às Canárias, onde não aportaram, seguindo directamente para o Cabo Branco. Aí assaltou-os uma furiosa

tempestade de sudoeste, que tiveram, para não retrocederem, de se fazerem na volta de oes-noroeste, com intenção de pairarem.

Dois noites e três dias aguentaram o tempo, até que avistaram terra, o que muito os espantou, porque a não esperavam daquelas paragens. Viram então que eram duas grandes ilhas, anteriormente desconhecidas. Abicaram a uma delas e Cadamosto mandou alguns dos seus marinheiros a terra saber se havia aí habitações ou rasto de homens.

Nada disso encontraram e no dia seguinte foram doze homens numa lancha, os quais só encontraram pombos mansos. Desta ilha foram avistadas outras três a sotavento, uma ao norte e duas ao sul, e todas três à vista uma das outras, diz Cadamosto.

A sua descrição, tendente a fazer acreditar o leitor tratar-se do arquipélago de Cabo Verde, está cheia de contradições, segundo os entendidos, entre os quais devemos destacar o escritor inglês, Ricardo Henry Major, que de propósito escreveu a história de D. Henrique, na qual nota não ser muito natural que as ilhas de Cabo Verde, tendo sido descobertas por Cadamosto em 1457, estivessem sem ser colonizadas até 1460. Em presença disso, parece-lhe que podia afirmar (como se estivesse em Inglaterra), que as ilhas do Cabo Verde foram descobertas, não em 1457 por Luís de Cadamosto e António Nola, mas sim em 1460, por António Nola também e por Diogo Gomes, que foi o chefe da expedição e o primeiro que nelas desembarcou.

«Não foi contido destituída de glória para o ilustre veneziano esta viagem, que ele empreendeu em 1457», acrescenta, como prémio de consolação o mesmo egrégio historiador. «Subiu de novo o rio Gâmbia, relacionou-se com o chefe dos negros chamado Datimansa e, prosseguindo para o sul, entrou num rio a que deu o nome de Casamansa, em homenagem do chefe daqueles territórios.

Continuando a navegar, chegou a um rio a que chamou Santa Ana, e que hoje tem o nome de Cacheu. Depois, encontrou outro rio que baptizou de S. Domingos e que depois foi o rio de Jata, e finalmente outro de embocadura tão larga que primeiro lhe pareceu um golfo, e devia ser o rio Geba.

Já tinha dobrado um cabo, a que chamou Cabo Roxo. Toda esta costa fora descoberta pelo português Alvaro Fernandes, mas Cadamosto teve o mérito de a estudar e explorar cuidadosamente.

Nota-se em Portugal uma geral má vontade contra este navegador veneziano, decerto por ele ser muito novo. Dele diz, todavia, o grande Dicionário Prático Ilustrado, publicado em Portugal pela Casa Lello & Irmão, em 1955, para portugueses e brasileiros, o seguinte:

«Cadamosto (Luís) navegador veneziano, que esteve ao serviço do Infante D. Henrique, efectuando diferentes viagens ao longo da costa africana. Descobriu as ilhas de Cabo Verde. Escreveu as narrativas das suas explorações (1452-1488).»

De António Nola diz o mesmo dicionário: «António Nola, marante de Génova, que veio a Portugal servir o Infante D. Henrique. Foi companheiro de Cadamosto e do piloto Diogo Gomes. Navegou pela costa de África, além do Cabo Verde, e descobriu algumas ilhas do arquipélago do mesmo nome.»

Sousa Nunes

Assine, o «Notícias do Algarve» e contribuirá para o desenvolvimento da Imprensa Algarvia

Carta de Longe

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

ques podem considerar-se a expressão sincera de uma cruzada que se impôs, a bem da educação, da instrução e da civilização do povo, que, pelo seu atrazo, bem precisa de quem o defenda, de quem o ajude a atingir a craveira dos povos civilizados do mundo.

Longe do que se possa supor e se afirma, por vezes, na metrópole, a vinda de tropas para o ultramar é um dos meios mais eficazes para a educação e para a civilização da grande maioria que julga, ao chegar a uma província ultramarina, que se encontra em terreno conquistado, permitindo-se manifestações e liberdades que, felizmente, são logo repelidas por quem de direito.

Em Macau, em que o caso refina por se tratar de uma província «sui generis», onde a grande maioria da população é chinesa e, portanto, portadora de uma civilização milenária, a chegada de um contingente militar é sempre um quebra-cabeças para os responsáveis pelo aprumo e bom comportamento dos recém-chegados, que a mor parte das vezes pagam cara a sua ousadia, manifestada por garotices e atrevimentos impróprios de quem veste uma farda e não compreende o que isso representa.

Mercê do esforço educador de quem comanda e do meio em que duas civilizações se encontram em perfeita harmonia, poucos meses depois de terem chegado, a mudança, pelo menos aparente, é verificada, com satisfação. E quando atingem uma certa civilização, ei-los de regresso à metrópole, onde muitos, de certeza, se não adaptam já à vida que tinham antes de serem mobilizados para serviço no ultramar, especialmente para Macau, o que se prova pelos inúmeros pedidos de recondução, ou para aqui se colocarem de qualquer forma, na polícia de segurança ou na policia marítima ou, ainda, possivelmente, noutras organizações.

Verifica-se, assim, que o ambiente de civilização que aqui se disfruta e dá lugar a um nível de vida superior ao de muitas cidades metropolitanas, agrada sobremaneira áqueles a quem nunca foi dado usufruir os benefícios do progresso, que ainda não chegou a muitas terras de Portugal.

Macau pode orgulhar-se de ser a única terra portuguesa onde não há analfabetos. Todos frequentam as mesmas escolas, com facilidades e auxilios que se não encontram em qualquer outra terra portuguesa. Aqui só não aprende quem não quer.

Em «Conta Gotas» de pensamentos cristalinos de rara sensibilidade, a senhora D. Maria Manuela Nunes faz reflectir, no «Notícias do Algarve», toda a magnitude da sua alma de artista, em requintes de observação e de bondade e, por vezes, uma suave revolta, na exaltação dos grandes valores da nossa terra, ou na defesa dos desprotegidos da sorte, que nesta inspirada Poetisa têm o seu Anjo da Guarda.

Espírito gentil e culto, revela-se a senhora D. Maria Manuela Nunes tão conhecedora da psico-

logia humana, que daí resulta a ternura dos seus escritos por todos áqueles que sofrem, ou que neste mundo foram desditosos. As mais simples atitudes de uma criança, a expressão dos mais mimosos sentimentos de uma rapariga do campo, a saudade manifestada por uma velhinha, a alegria dos simples, a dor dos infelizes, são os motivos principais dos seus poemas, que, mesmo em prosa, são sempre poesias que deixam transparecer, em «Conta Gotas», os seus pensamentos cristalinamente de rara sensibilidade.

O «Notícias do Algarve» é um jornal que merece ter maior expansão; ser conhecido em todo o Portugal continental e ultramarino. Os seus colaboradores representam um escol no jornalismo português, em geral faccioso e oportunista.

Amantes da verdade, muitas vezes oculta por conveniência de interesses materiais, não admitimos a Imprensa mercantilizada à mercê dos magnates para quem a vida se resume, apenas, no aumento dos seus capitais.

Queremos uma Imprensa digna, que elogio ou ataque consoante a justiça que assista aos que são dignos de louvor, ou aos que mereçam condenação. E é por isso que daqui, de longe, acompanhamos o «Notícias do Algarve», com entusiasmo e admiração, pela forma como se apresenta altivo e digno, no desempenho da sua nobre missão.

J. de Carvalho e Régio

VENDE PROPRIEDADES de Manuel Bravo Gomes

Vende todas as suas propriedades, confinantes com a Junta Autónoma das Estradas do Distrito de Faro:

Quinta das Cevadeiras, Quinta do Monte Tamissa, e Courelas no concelho de Vila Real de Santo António e Arcoadinho no concelho de Castro Marim.

Esta venda é feita por motivo de desejar comprar outras propriedades que não confrontem com a mencionada Junta Autónoma das Estradas do Distrito de Faro.

Quem pretender dirija-se ao seu proprietário, em Vila Nova de Cacela ou em Vila Real de Santo António.

Em FARO, adquira o «Notícias do Algarve», na Livraria Campinas, Rua de Santo António, 67.

Clínica de Santo António

(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do Dr. Albano de Lencastre

Rua Guilherme Gomes Fernandes

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

AGÊNCIA VIEGAS de EMILIANO DA CONCEIÇÃO VIEGAS

A MAIS ANTIGA DA VILA Rua Teófilo Braga, 77

Caixões e urnas com todos os pertences Funerais modestos e luxuosos

PANO DE RESPEITO
PREÇOS SEM COMPETÊNCIA
FUNERAIS PARA TODOS OS PREÇOS
Chamadas a qualquer hora da noite, rua Eça de Queirós 23 - 25

V. Ex.ª val a Évora?
Visite a PENSÃO POLICARPO. Confortáveis quartos. Águas correntes quentes e frias no 1.º andar. Excelente serviço de mesa. Recolha privativa de Garros
Rua Freiria de Baixo, 16 Rua Conde da Serra, 9, 11
TELEFONE 2 424 ÉVORA

Uma crónica por semana

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

bem semelhante critério e não cremos que o mesmo possa ser defendido em bases seguras.

Cada biblioteca deve ter, pelo menos, três ficheiros; por autores, por títulos das obras e por assuntos. Só desse modo poderá cumprir, com eficiência, o fim para que foi criada. E diremos até mais: cada biblioteca deverá ter incluído nesses três ficheiros todos os trabalhos de merecimento publicados nas revistas, jornais e outras publicações análogas que façam parte do seu recheio permanente.

Surge depois a Victor de Sá, como autor do Inquérito e a todos os leitores, como usuários das bibliotecas, o problema dos horários. A Biblioteca Pública de Braga — e continuamos a pensar: muitas outras, provavelmente — não está aberta de noite!

Não estranhem os nossos leitores o abuso que fazemos dos pontos de exclamação: é que, na verdade, certas maneiras de encarar as realidades e necessidades são tão absurdas que pretendemos, deste modo, fazê-las avultar, evitando o mais possível comentários, e julgamos conseguí-lo plenamente através do minúsculo ponto de exclamação.

Se uma biblioteca apenas está aberta de dia, é óbvio que a esmagadora maioria dos operários, dos empregados e das várias outras camadas sociais não pode consultar, e que qualquer comerciante ou industrial o poderá fazer apenas com prejuízo para a sua vida profissional.

Se as tabernas estão abert-

Papel Vegetal

Vende, como em Lisboa, aos melhores preços, Clemente & Filhos, Lda., Telefone 92 — Vila Real de Santo António.



PORTO RAINHA SANTA

ATÉ OS ANJOS BEBEM!...

RODRIGUES PINHO & C.ª

Vila Nova de Gaia

No Sítio da ALTURA
VENDE-SE
ARRENDA-SE
OU
TRESPASSA-SE

Estabelecimentos de: 1 de Mercaria, 1 de Vinhos e seus derivados, 1 de Padaria e 1 Armazém, com casas de habitação, quintal, poço e dependências agrícolas. Com instalação telefónica.

A melhor instalação em conjunto entre Faro e Vila Real de Santo António.

Por motivo de o proprietário não poder estar à testa dos mesmos. Ver e tratar com António G. Caldeira — Altura.

tas de dia e de noite, porque não hão-de as bibliotecas ter horário semelhante? Se o vinho dá de comer a um milhão de portugueses, as bibliotecas dão saber e cultura a todos eles.

Verificou também Victor de Sá que a maior procura na Biblioteca Pública de Braga — e continuamos a estar certos de que em qualquer outro o facto se repete — foi dos periódicos infantis. E' triste verificá-lo, não só porque a preferência vai desde a juventude à adolescência, como principalmente porque, a despeito de uma censura existente, estas publicações são mais condenáveis do que aceitáveis.

Conviria que a mocidade fosse induzida na procura de leituras que a instruissem e cultivassem, e não seria difícil criar em cada biblioteca um departamento destinado a esse fim, nomeando alguém competente que aconselhasse os jovens e as crianças quanto às boas e fecundas leituras. Se tal ponto de vista fosse adoptado, não teríamos que recear pôr em confronto a cultura dos portugueses com a de quaisquer outros povos mais evoluídos.

Temos ainda um reparo a fazer: não se compreende que o director de uma biblioteca se escuse a prestar, pronta e espontaneamente, declarações para um inquérito que foi reconhecido de utilidade pública através do apoio dado não só pelo órgão da Comissão da União Nacional, como ainda pelo ilustre presidente da Câmara Municipal, sem falar já das outras altas personalidades que, mais compreensivas, lhe deram todo o apoio e colaboração. Felizmente que se constata, deste modo, que a grande maioria das pessoas colocadas em lugares de responsabilidade estão à altura deles e sabem cumprir o seu dever.

Não vemos qual o fim que um simples director de biblioteca possa ter em vista, ao esquivar-se a responder a perguntas de interesse público que poderiam favorecer o próprio estabelecimento que dirige. Antes, talvez, pelo contrário, encontrasse nesse facto uma oportunidade para chamar a atenção do público para os problemas que, porventura, o possam afligir.

O livro de Victor de Sá publica ainda o título das obras requisitadas num dia de maior movimento. Seria curioso citá-los, mas tornar-se-ia fastidioso e ocuparia muito espaço. Aconselhamos, todavia, uma consulta ao volume, porque uma meditação sobre o assunto será de grande proveito.

José dos Santos Marques

VENDE-SE

Vende-se uma horta com casas de moradia, arrendação e acomodação de animais, confrontando, ao nascente, com a Estrada Camarária e ao poente com a propriedade do sr. Sebastião Bellão.

Quem pretender dirija-se a Manuel João Antunes, sítio da Aldeia Nova.

VAI A LISBOA?

Hospede-se na PENSÃO RESIDENCIAL DO SUL

Não encontra melhor - Só dormidas - Ambiente regional

— Água quente e fria em todos os quartos —

SERIEDADE ABSOLUTA

Rossio, 59-3.º Esq. — LISBOA — Telefone 22511

MERCEARIA NOVA

DE

JOSÉ BENTO DE SOUSA E FILHO

Rua Barão do Rio Zezere, 19 — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Acaba de receber um lindo sortido de louças e vidros das melhores qualidades
VISTA ALEGRE, COIMBRA E SACAVERM

Nesta casa encontrará V. Ex.ª os melhores Brindes
VISITE E CONFRONTE

Pelo Dr. CRUZ MALFIQUE

DEUS

Deus é Deus e, todavia, não pode tudo. Não pode, por exemplo, fazer o mal, porque, se o fizesse, já não era Deus. Deus e mal são conceitos que se repelem. Assim como a liberdade se não deve entender no sentido total, mas sempre no sentido condicionado, circunscrita ao lícito, ao justo, no mundo dos homens, assim também, dentro do perímetro das possibilidades divinas, ela tem de ser necessariamente restrita à prática do Bem. Se Deus pudesse e quisesse fazer o Mal, ia contra si próprio, negava-se, diminuía-se com esse poder e com essa vontade.

Foi Santo Agostinho quem disse: «ama, e depois faz o que quiseres». E disse bem, porque o amor, Amor com maiúscula, é incompatível com o Mal. Quem ama não pode fazer o Mal, e, feita esta limitação, fica-lhe a liberdade de fazer tudo mais.

Deus é o supremo Amor, a suprema Verdade, a suprema Beleza, o supremo Bem. Se nele entrasse mescla de ódio, de erro, de fealdade, de mal, então já não seria Deus.

Deus é omnipotente. Sim. Outra vez sim. Muitas infinitas vezes sim. A sua omnipotência, porém, limita-se ao Bem, à Verdade, ao Belo. Tout cort.

HOMO DUPLEX

«Feto como o pecado» se diz de alguém mais feio do que permite a força humana. A alma conhece essa fealdade. O corpo conhece essa fealdade. Fealdade abominável para a alma, e não menos para o corpo. Pois, e apesar de vermos a fealdade que aborrecemos, e de vermos o bem que adoramos somos de um barro moral tão pobremente amassado, que, com aflitiva frequência, renunciamos ao bem que adoramos, para seguirmos os caminhos do mal que detestamos.

Homem! homem!, meio-mundo te deprime, e eu te louvo. Meio-mundo te despreza, e eu te elogio. E, de um modo ou doutro, estou sempre dentro da verdade.

o Padre Américo

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

sando a segundo plano, foram dando lugar aos telegramas vindos das pequenas cidades da Província em que se contava que, «também ali», a morte do Padre Américo fora profundamente sentida, sinceramente chorada. E «também ali», quer dizer, de facto, por todo o lado, em toda a parte onde seja Portugal.

Nunca, desde que há meia dúzia de anos o santo Padre Cruz trocou pela Glória Eterna o seu lugar de plenipotenciário do Céu para os miseráveis, nunca desde então se assistira neste País a tão unânime expressão de um sentimento de mágoa pela morte de alguém e de instintivo respeito pela maior de todas as Virtudes Maiores — a Caridade Cristã.

Eu não sei e, para me livrar de náuseas, prefiro não saber como foi recebida a notícia da morte do Padre Américo no meio de certa sociedade, que se diz católica só por frequentar a missa mais elegante e promover não menos elegantes «chás de caridade»; não

URBANIZAÇÃO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

truir os courts de Ténis, Ring de patinagem, etc., que tanto do agrado serão dos senhores veraneantes que frequentam a nossa formosa e atraente praia.

Para a solução agradável destes magnos problemas muito contribuiu a cooperação valiosa e a maneira hábil e inteligente como soube conduzir este assunto, o deputado sr. engenheiro Sebastião Ramirez, crôdor dos nossos melhores agradecimentos.

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

O Problema do Turismo Algarvio

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

da Rocha, um em Faro, um em São Brás de Alportel e um em Vila Real de Santo António, que suprem as necessidades do turismo algarvio. Não nos falem das pensões, porque elas não merecem, salvo duas ou três, qualquer referência. Restaurantes, pelo menos dignos do nome, não existem, a não ser um em Faro. Mesa característica em poucos sítios se encontra. Temos percorrido o Algarve, em todos os sentidos, e unicamente conhecemos duas casas, muito modestas, uma em Lagos e outra em Olhão, cuja culinária é tipicamente algarvia.

Isto é uma dura verdade que não nos agrada dizer, pois o Algarve apaixonou-nos, mas é preciso proclamá-la, para que os algarvios despertem do seu marasmo e deem mãos à obra de que necessitam para o progresso da sua província. O turismo representa para o Algarve uma fonte económica em potencial; é preciso, portanto, saber explorá-la e não viver apenas a escutar desvanecidamente os justos elogios à beleza da excelsa região.

Urge remediar o mal

«Projecta-se um hotel em Albufeira; boa nova, por certo, mas não é uma obra e um esforço isolado que podem resolver a situação. Se a construção desse estabelecimento servisse de exemplo, e outros hotéis, num futuro próximo, se erguessem em diversos pontos da província, solucionava-se então o seu problema hoteleiro. Razões de ordem vária, porém, nos levam a crer que assim nunca suceda, e tal facto tanto se verificará no Algarve como em qualquer outro ponto do País.

A construção de hotéis de turismo, em Portugal, terá de obedecer a um plano de orientação e auxílio oficial (técnico e económico) para alcançar o êxito desejado, não só pela necessidade de projectos especiais, mas também

pela oportunidade e sequência das realizações.

De qualquer forma, tem de se atender quanto antes ao aflitivo estado deste sector do turismo algarvio, porque sem o número de alojamentos suficientes e sem um nível de mesa digno dos excelentes produtos alimentícios e géneros frescos regionais, não se podem girar atraentes programas de visitas nem reclamar as belezas naturais da maravilhosa província.

O Algarve, apenas à distância de umas poucas centenas de quilómetros do Centro e Norte do País, encontra-se, contudo, muito afastado no tempo, pois são péssimas as ligações ferroviárias com essas duas regiões do País, e nulas as ligações aéreas. Quando se resolverá a C. P. a estabelecer no Setil uma ligação entre o Norte e o Sul? Quando será uma realidade um aeródromo em Faro e outro em Portimão?

E' preciso aproximar o Algarve do restante do País e apetrechá-lo convenientemente para dar o melhor desenvolvimento à sua indústria de turismo, que lhe está tão indicada como a da pesca e conservas.

Sagres, manancial de turismo que ninguém aproveita

Esta necessidade, desta urgência de acção eficiente, é bem flagrante o caso de Sagres. Nunca nos parecem de mais as vezes que apontamos a região sagresense como futura e grande zona de turismo, dadas as suas excepcionais condições. Os abundantíssimos pesqueiros; a deslumbrante e vastíssima enseada entre o Promontório e o Cabo de S. Vicente; as praias orientadas a sul e a poente, o que permite escolher aquelas onde o mar é mais calmo e o vento mais brando; a curiosíssima flórua vicentina, de espécies raras; os pitorescos pinhais; o carácter verdadeiramente «sui generis» da povoação e da vida piscatória; os estranhos e alcantilados recortes da costa; a riqueza venatória de todo o concelho de Vila do Bispo, a que pertence Sagres; a imponência roqueira do Promontório e o halo histórico que o envolve, são razões ponderosas para atrair o turista, nacional ou estrangeiro, qualquer que seja a sua preferência.

Se isto não bastasse para afirmar os predicados turísticos da região, acresce a circunstância de estar em vésperas de realidade o colossal monumento à memória do Infante D. Henrique, o que, sem dúvida, será motivo de atracção turística internacional e peregrinação patriótica. Pode prever-se o que representaria, na balança económica do turismo algarvio, o apetrechamento hote-

leiro de Sagres. São necessários alojamentos com um mínimo de comodidades e mesa convidativa. Os actuais visitantes, principalmente depois de ter fechado a única pensão que existia (aliás bem modesta e deficiente), recorrem às casas particulares, mas elas apenas conseguem alojar uma pequeníssima percentagem das pessoas que desejariam passar em Sagres algumas épocas do ano.

Nas proximidades de se iniciar a construção do monumento e devido às condições naturais do local, verdadeiro iman turístico, por que não se constrói, desde já, um estabelecimento hoteleiro em Sagres que, entre outros requisitos, disponha de acomodações próprias para caçadores e pescadores desportivos? Aonde se vão alojar os numerosíssimos técnicos e os visitantes oficiais da obra do futuro monumento? Por que se deixam de fixar, anualmente, alguns milhares de forasteiros e muitas centenas de desportistas?

Com monumento ou sem monumento, Sagres é um ponto de visita obrigatória para o estrangeiro que viaja no País e para o português que percorre o Algarve. Dê-se-lhe, portanto, um hotel ou uma estalagem, mesmo um estabelecimento do tipo «motel», pois chega a ser criminoso estar a perder-se, todos os anos, a extraordinária linfa que brota do seu manancial de predicados turísticos.

Oxalá nos ouça quem pode, quer e manda, para que o problema do turismo do Algarve e, em especial, o caso de Sagres, tenham uma breve e boa solução.

Lamenta-se o ilustre autor deste escrito, verdadeiro paladino da terra algarvia, de que ninguém o ouve. Efectivamente, em muitos casos, os algarvios têm o ouvido duro, mas o que a alguns falta de capacidade auricular sobra-lhes em obstruccionismo e inveja; mas isto é um tema para apreciar um dia, com vagar.

Por ora, diremos apenas que os seus entusiásticos e bem intencionados apelos foram ouvidos nesta terra, onde, sabemos, se projectam importantes melhorias no Hotel Guadiana — se à última hora não se verificar que tais melhorias vão possivelmente prejudicar alguma casa de pernoita de qualquer outra terra do Algarve. Havia também projectos, em vias de execução, para o parque de campismo e acomodação de veraneantes na praia de Monte Gordo. Agora não sabemos em que ficarão tais projectos.

Em todo o caso, daqui aplaudimos o ilustre jornalista português e incitamo-lo a que continue. Água mole em pedra dura...

APONTAMENTOS DE VIAGEM

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

gum turista retardatário... Mas agora, uma hora da noite já, outra caça pior foi a do alojamento! Hotéis e pensões, tudo repleto por uma praça de nuestros hermanitos salmantinos, que vinham ao futebol no domingo imediato; até que, por fim, lá conseguimos um quarto vulgaríssimo, mas aceitável, numa pensão quase em frente da vetusta Sé, — uma espécie de felicidade encontrada ao fim dum canso de esgotar, que tal era a entrada do edifício, por uma espécie de corredor tresandando a urina... (maravilhas do turismo provinciano...)

Com o sol radiante da manhã seguinte, o pesadelo dissipara-se, porém, e o passeio matinal pela cidade ajardinada, com a visita ao templo excelso, compensa-nos. E, depois do pequeno almoço em restaurante agradável, e-nos no comboio vazio, com um bom companheiro acidental, que à paragem na suíssima Fuentes de Oñoro, descendo à vila, como pessoa sábia, nos traz de lá um magnífico pão espanhol alvíssimo, grande como a roda dum carro de crianças, além de outras provisões de boca para a viagem dilatada. Tudo foi assim bem, pela tarde e noite fora, até à alta forçada em Medina del Campo, a esperar o rápido de Madrid. Oh! que infamíssimas salas de espera nas classes superiores; porque a da 5.ª era a própria grande casa de entrada, com os passageiros ali estendidos pelo chão, fazendo cama ou cabeceira das próprias bagagens: uma autêntica vergonha nacional... Bem haviam feito umas enfermeiras, já peritas decerto nestas andanças, as quais muito ajuizadamente se haviam quedado no restaurante, sentadas, as 3 ou 4 horas de espera!...

Finalmente, num comboio atul-

lhado — classe única, verdadeiramente ou quase, tal a misturada — lá prosseguimos, chegando a Irun já dia alto, e por fim, passada a fronteira impertinente, a Hendaya, que nos aparece como um paraíso repousante.

Um dia, desde a chegada até à partida para Genebra, aproveitando a tarde e a manhã seguinte para a randonnée turística pela costa — S. João de Luz, Ciboure — com o retorno pela corniche,

No esplêndido rápido para Paris, eis o curto trajeto até Bayona, onde nos instalamos na caruagem, que, sucessivamente desatrelada e atrelada pela tarde e noite fora — Lourdes, Toulouse, Avignon, Valence, Lyon, etc. — nos vai depor, finalmente, pelas 11 horas da manhã seguinte, à beira do lago Léman. Apesar da longada, a viagem suporta-se: companheiros civilizados, homens, mulheres, crianças, entre eles uma simpática senhora, de Valence, ar de grande dama, a quem, por lastimar-se do pão então negro da França, eu ofereço, com todo o gosto, um quarto de roda do pão espanhol alvíssimo, de Fuentes, que ela nos agradece como um presente do Paraíso, oferecendo-nos deliciosas tablettes de chocolate com leite.

De Lyon a Genebra, dois companheiros bem amáveis: um ourives, artifice patrão já velhote, e um empregado comercial checoslovaco, que me dá excelentes conselhos e informações sobre a vida prática na Suíça.

Genebra, finalmente. Dia radioso. A famosa estação Cornavin. Deixando as maletas na consigna, e após duas ou três pesquisas vãs, eis-nos finalmente instalados, a nosso contento, num razoável quarto de pequena pensão ali próxima.

M E M S A G E M

Para as frechas do ar
Ergo os braços...
Eu sei que o mal existe...
Mas em mim
Em meu corpo assinalado
Apenas há vontade
Que o sol não venha arruinado
Bato a porta
Faço um cigarro
E parto no lençol da madrugada
Em barcos de pescadores
Que vão por esse mar fora.
À chuva
Ao vento
Sem quaisquer garantias
E logo que sol rompa
Olimpico
Grito
Bons dias!
Para que sem oscilações
Venha iluminar as casas pobres dos pescadores
E lançar às embarcações
As suas mãos de esperança.

C O S T A M E N D E S

MONTE GORDO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

tável que pareça, Monte Gordo é, de todas as praias do Algarve, a que se encontra mais mal servida de instalações para hóspedes, muito embora todas elas «coxeiem» deploravelmente no que diz respeito a hotéis e pensões. O caso de Monte Gordo, entretanto, é dos tais de bradar aos céus, pois é muito difícil descobrir-se em qualquer parte tão afinado «compasso» entre a falta de iniciativa particular e a falta de providências oficiais, tendentes a pôr cobro a uma situação que nos envergonha cada vez mais. De resto, devemos dizer, em abono da verdade, que a absoluta ausência de iniciativa privada, nesta questão, é, quanto a nós, o mal pior. Se atendermos ao que essa iniciativa particular tem operado noutras praias, em condições muito infe-

riores às de Monte Gordo, concluiremos que os nossos capitalistas e os endinheirados da região andam muito precisados de uma visita ao oftalmologista. E' sabido que cada um é senhor do seu dinheiro e emprega-o onde muito bem entender. E assim devem pensar os homens da Figueira da Foz, por exemplo, ao dotarem a sua terra com 1 hotel de luxo, 5 hotéis classificados de 2.ª classe (sem baratas), e 25 pensões, verdadeiramente dignas desse nome!

E, sem falarmos no Estoril e noutras praias da linha de Cascais, citaremos, para elucidação dos «vêlhotes do Restelo», para quem a construção de um hotel em Monte Gordo é «uma empresa ruínosa», os seguintes exemplos, que nos dão diversas outras praias de Portugal — para vergonha das praias do Algarve: Eriçeira, 1 hotel de turismo e 7 pensões; Espinho, 1 hotel de 1.ª e 10 pensões; Póvoa, 1 hotel de 1.ª e 8 pensões; S. Martinho do Porto, 1 hotel e 4 pensões; Sines, 1 hotel e 7 pensões.

Parece-nos que, em face disto, e da tristíssima situação em que Monte Gordo se encontra, não é demais continuarmos insistindo na necessidade urgente da construção de um hotel na nossa praia. E até poder dar-se o caso (famoso dizer, fenómeno) de haver alguém que nos oiça...

sob a direcção do insigne Ansermet!

Salto imediatamente à exposição e a comprar bilhetes para o concerto. Não voltaremos a Genebra senão depois de tudo. Como, no meu programa, eu tencionava, seguindo a caravana jornalística para Paris, ir até à Itália a visitar aquela Ravenna cujos mosaicos únicos ocupam a minha atenção desde há bons trinta anos ou mais, passar por Veneza e prosseguir até ao fundo oriental da laguna, até àquela minúscula ilha de Torcello, onde numa igreja-lha quase em ruínas se admiram dois dos mais espantosos mosaicos que há no mundo, — esta vinda inesperada da Itália primitiva ao meu encontro encheu-me naturalmente de alegria, e por demais com a embaixada musical do insigne Vivaldi em obras primas várias, pelo sortilégio orquestral dum feiticeiro único! Ah! Se eu fosse de natureza a crer em divindades antigas ou modernas, diria que alguma certamente estaria guiando os meus passos...

Francisco Fernandes Lopes

Visado pela Comissão de Censura